

Complexo Industrial Militar: a guerra como uma falsa idéia de perturbação da ordem no sistema capitalista.

Aluno: Carlos Eduardo Mendes Santos
Orientadora: Regina Célia Mattos

Introdução

Quando pensamos em uma guerra estabelecemos, de início, uma idéia de conflito entre duas ou mais nações, um conflito que deve terminar o mais rápido possível para que se estabeleça a ordem novamente. Sem dúvida imaginamos que o conflito é prejudicial, pois, afeta de inúmeras formas a economia de um país, o seu cotidiano, provoca a morte de seres humanos e seqüelas e traumas emocionais por gerações.

Podemos considerar a guerra uma crise, o que é uma dedução lógica, porque durante uma guerra a economia ao nível do indivíduo é fortemente reduzida e seu poder de compra é, de imediato, afetado. Dessa forma podemos entender que sob o ponto de vista da microeconomia uma série de perturbações e instabilidades aparecem e que são de uma forma geral consideradas como negativas. Em um âmbito maior, na macroeconomia, a guerra também causa perturbações impedindo muitas trocas, encarecendo produtos e insumos básicos (recursos naturais) como petróleo, alimentos e até empréstimos.

Os Estados envolvidos nos conflitos têm seus gastos ampliados e muitas vezes suas contas entram em déficits, agravando não só a situação econômica dos envolvidos como, também, dos estados vizinhos ao conflito, pois, numa economia mundial interdependente, qualquer perturbação atinge, com maior ou menor intensidade, determinados setores e Estados, de acordo com a posição na hierarquia da economia-mundo.

Surge um questionamento: podemos conceber a guerra como uma perturbação da ordem de um conjunto de relações afetadas em diferentes escalas, proveniente de uma ordem linear de relações estáveis? Sim e não. Se pensarmos de forma linear, numa relação de causa e efeito, é bem provável que se chegue a essa conclusão: de uma perturbação no sentido de exceção à ordem, como uma crise extrema que prejudica o sistema capitalista e seu andamento.

Essa visão não dimensiona a capacidade do sistema levar consigo toda uma série de contradições que propicia ser a guerra, em um mesmo tempo, conjuntura instabilizadora

e estabilizadora de um processo de crise constante. Tal perspectiva leva em consideração apenas o lado instável, pois, não revela a contradição como (MORIN, 2000, p.186) nos chama atenção: “ a lógica clássica tinha valor de verdade absoluta e geral, quando chegávamos a uma contradição, o pensamento devia dar marcha ré, a contradição era o sinal de alarme que indicava o erro”. Por isso afirmou “que era preciso aceitar a contradição entre duas noções que se tornaram complementares, já que, racionalmente, as experiências levavam a essa contradição.”

Não se pode mais negar os fenômenos que coexistem e são antagônicos, não se pode avançar em direção ao real, mesmo sabendo que é inalcançável, descartando as múltiplas dimensões que empiricamente comprovam que, essa perturbação ou instabilidade que chamamos de guerra, há uma estabilidade e que, seus efeitos, são ondas de estabilização que geram surtos de crescimento e prosperidade oriundos da destruição.

Há de se pensar uma forma de ver o sistema capitalista de um outro ângulo que permita fugir de uma monodimensão. Neste sentido, a “guerra” nos serve como um “fio solto na camisa” que, se puxado, pode nos ajudar a desconstruir toda a idéia de equilíbrio e estabilidade e ordem linear, apresentando uma concepção do sistema capitalista sem mistificações, que não embacem uma visão mais clara de sua dinâmica. A guerra enquanto “fio solto” é o desalinho aparente que desencadeará toda uma rede de indústrias capazes de alavancar a economia de diversos países diferenciando na hierarquia da economia-mundo.

Essas indústrias – complexos industriais militares- estão inseridas numa lógica de lucros crescentes que é inerente ao sistema capitalista. Assim, ao longo desse trabalho tentaremos relacionar como os complexos industriais militares estão profundamente relacionados com as contradições vitais do sistema, sendo chamados a estabilizar criando instabilidades, destruindo para reconstruir e selecionando territórios de forma desigual.

Objetivo

O presente trabalho busca caracterizar e expor os antagonismos estruturantes do sistema sóciometabólico do capital no sentido de compreender como que sua dinâmica é capaz de criar instabilidades ao mesmo tempo que estabiliza o motor da acumulação por meio dos complexos industriais militares, direcionados para a guerra.

Metodologia

O Sistema do Capital

O sistema capitalista tem em sua constituição mais íntima, antagonismos inseparáveis, que o levam à crise a todo o instante. É um sistema que tende ao desequilíbrio, pois esse é o meio pelo qual se torna capaz de concentrar e reproduzir o capital, o desequilíbrio não devido a uma ordem econômica mais ampla chamada globalização. Para (MÉSZÁROS, 2002, p.217)

esse sistema de controle sóciometabólico é estruturado de maneira mutuamente antagônica (das menores células ou 'microcosmos' que a constituem às mais abrangentes unidades globais de intercâmbio econômico e político).

Todo discurso que fale de equilíbrio dentro de um sistema “incontrolável de controle sóciometabólico” nas palavras de Meszáros, não pode ser levado a sério, pois, só haveria equilíbrio se pudesse ser controlado, o que não é o caso. Por mais que pensemos que os grandes capitalistas possam influenciar com suas decisões, de fato, isso não passa de pura ilusão porque esses capitalistas têm uma margem de influência muito estreita. A idéia de Adam Smith sobre “a mão invisível” do mercado não é de toda desprezível. Não estamos dizendo que o mercado anda por si só, mas estamos considerando o fato de que a lógica do sistema está acima da vontade de seus próprios expoentes, que também devem obedecer ou desaparecer.

Isso me faz lembrar o documentário “The Corporation” onde o diretor Michael Moore pergunta ao principal acionista da Nike o quanto de lucro era suficiente para sua empresa e qual seria suas aspirações sobre sua fortuna pessoal, se faria diferença ser bilionário ou meio bilionário. Muitas pessoas acham e acreditam que essas empresas e esses grandes capitalistas poderiam simplesmente dizer qual seria o teto de lucro a alcançar e depois viver em paz para todo o sempre. O sistema de controle sóciometabólico que é o capital não pode considerar esse teto e não pode admitir um não-crescimento, como destaca (MÉSZÁROS, 2001,p.97)

mas até os capitalistas mais ricos (...) não importa quantas ações controladoras eles possuam na companhia de que legalmente são donos como indivíduos partilhados, seu poder de controle no conjunto do sistema do capital é absolutamente insignificante. Eles têm de obedecer aos mesmos imperativos objetivos de todo o sistema, exatamente como os outros, ou sofrer as conseqüências e perder o negócio.

É um absurdo, dentro de sua lógica, impor limites ao seu crescimento porque ela está centrada no crescimento ilimitado e aí aparece uma contradição na própria definição da economia. Como a ciência pretende alocar de maneira ótima os recursos escassos, se os recursos escassos (limitados) devem obedecer a um processo de crise incessante do

sistema (sua lógica) onde a expansão é sua razão de ser? A primeira tentativa de saída se desenvolve por uma outra contradição, competição/monopólio, por isso, não podendo ser chamada de saída.

Embora haja um discurso dentro da economia clássica sobre as vantagens da competição entre as empresas capitalistas, não deixa evidente que a tendência a essa competição é o monopólio e não estamos nos referindo a idéia de Schumpeter de “Monopólio momentâneo” alcançado por lançamentos de novos produtos ou novas tecnologias que permitiria a uma empresa usufruir do monopólio durante algum tempo, até que as concorrentes absorvessem essas novas técnicas ou produtos. Aqui, referimo-nos a uma tendência concreta que, por meio e em nome da própria competição, se corporifica nos monopólios interessados em recursos escassos para ampliar a margem de lucro da mesma quantidade desses recursos.

Concordamos com (HARVEY, 2004, p.35) quando:

as práticas imperialistas, do ponto de vista da lógica capitalista, referem-se tipicamente a exploração das condições geográficas desiguais sob as quais as ‘assimetrias’ inevitavelmente advindas das relações espaciais de troca. Estas últimas se expressam em trocas não-leais e desiguais, em forças monopolistas espacialmente articuladas, em práticas extorsivas vinculadas com fluxos de capital restritos e na extração de rendas monopolistas. A condição de igualdade costumeiramente presumida em mercados de funcionamento perfeito é violada, e as desigualdades resultantes adquirem expressão espacial e geográfica específica a riqueza e ao bem estar de territórios particulares aumentam à custa de outros territórios. As condições geográficas desiguais não advêm apenas dos padrões desiguais da dotação de recursos naturais e vantagens de localização, elas são também, o que é mais relevante, produzidas pelas maneiras desiguais em que a própria riqueza e o próprio poder se tornam altamente concentrados em certos lugares como decorrência das relações assimétricas de troca.

O que Harvey quer dizer é que não há apenas uma concentração natural produzida pela terra como uma espécie de monopólio de recursos naturais produzidos por alguns tipos de solos em determinados territórios, não é esse apenas o fato das desigualdades e assimetrias espaciais. A própria maneira do sistema de se estabelecer e estabilizar uma forma de crescimento constante, que não pode ser para todos, é estabelecer concentrando territorialmente nos países “capitalistas avançados” por meio de trocas “não-leais” e desiguais promovidas pelo irmão gêmeo* do sistema capitalista: o Estado.

* gêmeo porque nasce paralelamente ao sistema sóciometabólico do capital, mas diferente como gêmeos masculino e feminino no sentido de suas funções.

A segunda tentativa de estabilização no sistema provém da precarização do trabalho, buscando por meio da redução salarial e o aumento das funções dos trabalhadores, ativar a taxa de lucro de forma crescente, fato que está inteiramente conectado com que Harvey chamou de “bem estar de outros territórios” mesmo que, nesse sentido, estivesse falando de recursos escassos, deixando claro o que Michael Moore não entende: que os ainda mais baixos salários dos filipinos garantem aos americanos um maior acesso ao tênis e produtos dessa empresa.

Por outro lado, contraditoriamente, esses mesmos trabalhadores filipinos com seus irrisórios salários afetam diretamente os empregos nos países de capitalismo avançado, fazendo com que o próprio poder de compra da população venha a diminuir, afetando em seguida, a capacidade de consumo dos territórios mais privilegiados.

A diminuição da taxa diferencial da exploração do trabalho que nas últimas décadas tendem a nivelar a taxa de exploração nos países ricos e pobres, mostra o processo de precarização em que os trabalhadores dos países ricos estão sendo submetidos. Essa precarização acarreta uma instabilidade ainda maior entre produção e consumo, sendo este, nosso terceiro ponto.

Como vimos anteriormente, o sistema ao precarizar o trabalho esta diretamente interferindo na capacidade de consumo da população que, de forma concentrada em territórios privilegiados, seria a grande responsável por adquirir os produtos e realizar os lucros da extração de mais- valia. Só há essa crise porque a produção está separada do consumo, mesmo que voltada para o consumo, não há como obrigar as pessoas a comprar, na melhor das hipóteses influenciar pelo marketing. Também não se pode prever como será a aceitação do produto no mercado, devido a inúmeros fatores, ficando os produtores expostos a um sem fim de riscos. Neste ponto (MÉSZÁROS, 2002,p.105) afirma :

o relacionamento entre produção e consumo é assim radicalmente redefinido em sua estrutura de maneira tal que a unidade de ambos se torna inseparavelmente problemática, trazendo, com o passar do tempo, também a necessidade de alguma espécie de crise.

O Estado

Até esse momento, percebemos as contradições (algumas, pelo menos) e seus limites sob um sistema que funciona assentado sobre antagonismos e que não pode fugir desses antagonismos porque já não seria mais o próprio sistema. Esse sistema busca no Estado, tentativas de sair da crise. Nesse sentido (MÉSZÁROS, 2002, p.220) nos afirma também que:

como as fundamentações causais responsáveis pela ativação dos limites absolutos desse modo de controle não podem ser discutidas, e muito menos adequadamente resolvidos dentro de tais limites, a correção de alguns dos problemas mais explosivos do espinhoso processo sóciometabólico tende a ser procurado de outras formas

Essa afirmação aponta para o Estado como forma de sair do ciclo vicioso da necessidade de restrições internas e da impossibilidade de impor essas restrições de forma duradoura. Há então, uma radicalização no discurso a favor do capital, no qual Mézárós se irrita com os editais do “The Economist”, que deixam de lado antigos valores liberais como “livre opção econômica” vinculando-a a “livre opção política”. Os defensores mais radicais compreendem que a manutenção das contradições do sistema em favor da minoria deve ser imposta pelo inseparável irmão gêmeo: o Estado. Por isso Mézárós descreve o discurso do senador democrata dos EUA, Daniel Patrick Moynihan “será preciso que os EUA e as democracias da Europa Ocidental reconsiderem... a idéia de que a democracia seja uma opção universal para todas as nações”. Não há dúvida que o senador percebe que, ao mesmo tempo em que o Estado é chamado a amenizar as incessantes perturbações e instabilidades por meio das assimetrias a que se refere Harvey, o sistema de Estados é montado sobre contradições que não podem resolver o problema. Ora, o Estado-nação, enquanto particular, busca seus interesses em conflito com outros Estados, uma “geografia de guerra” que se forma a partir do surgimento do capital.

(HEGEL *apud*:MÉSZÁROS, 2002 p.233/245) apresenta essa geografia tão delicada referente a constituição do Estado-nação: “seus direitos são realizados apenas em suas vontades particulares e não em uma vontade universal com poderes constitucionais sobre eles.” e continua ..

neste sentido, é intelectualmente coerente falar da “soberania do Estado” como fronteira negativa que separa o opõe todos os Estados uns aos outros, por mais problemático que seja, sob outros aspectos, no plano das verdadeiras relações de poder entre eles. Esperar que o Estado do sistema do capital se

transforme numa formação positiva para adquirir a capacidade de reunir e ‘conciliar’ debaixo de si mesmo as contradições dos estados nacionais num ‘governo mundial’ ...”é impossível. Os estado do sistema do capital (que existe na forma de estados nacionais particulares) nada é sem sua oposição real ou potencial aos outros Estados, assim como o capital nada é sem sua oposição.

Ou seja, o Estado é chamado a resolver o problema, conseguindo, no máximo distender as tensões nos países avançados por meio da força. Contudo, o que também não podemos imaginar é que só porque o sistema de Estados por estar estruturalmente organizado para o conflito e o sistema do capital em suas próprias bases ou “microcosmos” ser contraditório, que o problema do crescimento e da expansão não poderá ser temporariamente estabilizado. A síntese ou a concretude dos antagonismos podem ser vistos no poder dos complexos industriais militares ou “a indústria suicida homeopática” ativada por meio do Estado, o único capaz de criar uma demanda suficientemente forte.

Os Complexos Industriais Militares

Se compreendemos até aqui a real dificuldade em administrar os antagonismos e a separação entre consumo/produção; monopólio/competição; precarização do trabalho/mais valia, assim como a estrutura conflituosa do sistema de Estados particulares, opostos entre si, buscando manter assimetrias, podemos entender melhor o papel dos complexos industriais no seio do sistema capitalista. Entendemos que estes complexos militares estão, de certa forma, obscurecidos nas análises das dinâmicas que permitiram o chamado Keynesianismo, e a construção do Estado do Bem Estar Social, em um período histórico e em espaços restritos.

A indústria de armamentos cria a negação fundamental da teoria liberal quando o complexo industrial militar ou a indústria da guerra que age sob os parâmetros do capital busca o lucro (a reprodução ampliada) dentro da lógica do crescimento infinito, como se isso fosse possível. Esse crescimento não pode ser sustentado por pequenos conflitos, eles devem tomar proporções cada vez maiores, como é a sua lógica. No entanto, esse complexo industrial militar está intrinsecamente atrelado ao Estado, o único capaz de criar uma demanda realmente alta. Além dessa capacidade, essa indústria é um ponto fundamental na hierarquia de poder mundial entre as nações, ou seja, para se manter enquanto nação hegemônica, o Estado-nação deve compor um

complexo industrial militar forte para forçar novas expansões tanto para outros setores do capital, como para se defender de expansões alheias.

Essa indústria é ,então, apoiada pelos Estados avançados que despendem orçamentos cada vez maiores (dinheiro público), o que seria uma forma de intervenção estatal, tão criticada pelos liberais. O que a economia liberal não consegue ver (o papel preponderante do Estado) e o que a economia Keynesiana vê parcialmente (o movimento do capital não pode ser controlado por causa de seus antagonismos, tanto pelo Estado quanto pelo próprio sistema) é que, nos países de capitalismo avançado, as contradições do sistema puderam até hoje ser empurradas para o futuro, e suas mazelas mais crônicas, em parte, puderam ser externalizadas, para usar um termo da economia, que se refere a capacidade de passar os custos a um terceiro sem que ele possa evitar.

Para contornar as contradições entre consumo e produção o sistema busca uma “linha de menor resistência”, para usar uma expressão de Mészáros, garantindo por meio do complexo industrial militar, uma forma mais rápida e segura possível para a “reprodução ampliada” e a guerra oferece a oportunidade de um consumo regular e de forma crescente por meios de acordos com os Estados. Esse consumo é preferível a ter de aumentar a incorporação de novos “espaços” para o consumo em áreas complicadas (países periféricos). Nesse sentido, podemos dizer que mesmo existindo um círculo de produção e consumo, e de mercadorias e produtos para os consumidores de territórios privilegiados, é preferível ir à guerra para ativar o motor do crescimento do que buscar atingir novos territórios nacionais, ampliando a rede de distribuição e consumo, o que é muito mais arriscado pela intrínseca separação entre consumo e produção.

O complexo Militar assegura, por meio da força antagônica, competição/monopólio, a possibilidade de monopólios industriais (quando para empresas) e monopólios estatais (quando se submete um Estado-nação) a uma precária autonomia. É uma competição que busca submeter o outro à uma posição inferior na hierarquia da economia-mundo. (ARRIGHI,2001, p.78) nos mostra a luta interestatal pelo poder:

quando a marinha francesa adotou navios a vapor blindados, equipados com canhões de grosso calibre, que tornaram irremediavelmente obsoletas os navios de guerra construídos em madeira. A medida que a marinha francesa foi lançando encouraçados cada vez mais sofisticados, a partir de meados da década de 1840 até os anos de 1860, a marinha britânica não teve outra alternativa senão seguir o mesmo curso.

A manutenção da hierarquia dos Estados está conectada a sua capacidade industrial militar de forma a colocar essa indústria para ser ativada numa competição que reestrutura a ordem hegemônica estatal.

Vale lembrar que as conquistas sociais que o trabalho adquiriu ao longo da construção do Estado de Bem Estar Social nos países avançados e em alguns poucos lugares fora desses países, foram limitadas a alguns direitos e benefícios e, não, propriamente a um Estado de Bem Estar Social, estando intimamente atreladas ao complexo industrial militar e à oposição entre Estados na busca da hegemonia mundial. (BARAN e SWEEZY *apud* MÉSZÁROS, 2002,p.687) descrevem de forma brilhante a constituição dos benefícios adquiridos no século XX nos Estados Unidos:

O new deal conseguiu aumentar o gasto do governo em mais de 70 por cento, mas isso não era nem remotamente suficiente para trazer a economia a um nível em que os recursos humanos e materiais fossem totalmente empregados. A resistência da oligarquia à expansão adicional das despesas civis se endureceu quando o desemprego ainda estava bem acima dos 15 por cento da força de trabalho.

E continua (*Idem: idem*) “ chegou então a guerra e com ela a salvação” , referindo-se a Segunda Guerra Mundial, no qual todos os recursos humanos e materiais, puderam ser usados e de forma lucrativa. Logo após a Segunda Guerra Mundial, o Estado norte americano diminuiu os gastos com armamento, mas a poupança acumulada durante esse período provocou uma explosão de consumo, dando continuidade à expansão e crescimento econômico. Quando os efeitos dessa expansão de consumo puderam ser sentidos, acrescentava-se a eles, a guerra da Coreia (1950-1953), e depois as inúmeras guerras sustentadas com armamentos norte americanos, no bojo da guerra fria uma questão se coloca e que deve ser melhor abordada em trabalhos futuros: seria possível construir um Estado de Bem Estar Social sem essa poderosa máquina de destruição? Até este mesmo momento, entendemos que a atual precarização do trabalho vem agravar ainda mais as crises sistêmicas do capital, quando uma nova demanda de armamentos deverá ser criada, mesmo que os novos processos de produção acabem reduzindo a capacidade de absorção de mão de obra.

Conclusão

Ao longo do trabalho tentamos estabelecer, de forma dialética, a relação entre estabilidade/instabilidade, procurando sempre apresentar as contradições que convivem dentro do próprio sistema do capital, revelando uma estrutura que busca saídas nas próprias contradições. Assim, o Estado é chamado para ‘conciliar’ os interesses do capital e da população, seja nas teorias econômicas liberais ou keynesianas, como se os sistemas de estados não estivessem assentados sob conflitos já em sua própria gênese. Dessa forma, a importância da guerra se faz no “fio solto da camisa” capaz de exemplificar como as turbulências, perturbações, servem à estabilizações por meio dos complexos industriais militares, ou seja, em todos os sentidos, a guerra torna-se a síntese das contradições do sistema do capital e do sistema de estados, unidos nos interesses dos complexos industriais militares. A idéia do artigo foi de apresentar, de uma forma geral, alguns pontos que desenvolveremos em nossa pesquisa no futuro.

Referências Bibliográficas

ARRIGHI, Giovanni. & SILVER, B.J., **Caos e Governabilidade: no moderno sistema Mundial**. Editora UFRJ. 1ª edição. Rio de Janeiro. 2001.

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. Edições Loyola. São Paulo. 2004.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição**. Editora Unicamp. São Paulo. 2002.

MORIN, Edgar. **O Desafio da Complexidade** IN: *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2000. p186.